



REVISTA ENTRERIOS

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal do Piauí

**Antropologia e Política:
alianças, conflitos e regimes de conhecimento**

Carlos Filadelfo
Natacha Simei Leal
(Orgs.)

*Carlos Filadelfo
Natacha Simei Leal
(Organizadores)*



Programa de Pós-Graduação em
Antropologia da Universidade
Federal do Piauí

EntreRios - Revista do PPGANT - UFPI
Vol. 2, n.1
Temática: Antropologia e Política:
alianças, conflitos e regimes de conhecimento

ISSN: 2595-3753
Teresina, 2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - DCIES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA - PPGANT

Campos Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga, Teresina, Piauí,

CEP 64049-550 - Tel.: (86) 3237-2152



Reitor

Prof. Dr. José Arimatéia Dantas Lopes

Vice-Reitora

Profª Drª Nadir do Nascimento Nogueira

Comissão Editorial (PPGANT - UFPI)

Alejandro Raul Gonzalez Labale

Andrea Lourdes Monteiro Scabello

Carlos Roberto Filadelfo de Aquino

Carmen Lúcia Silva Lima

Celso de Brito

Jóina Freitas Borges

Márcia Leila de Castro Pereira

Maria Lídia Medeiros de Noronha Pessoa

Mônica da Silva Araujo

Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

Conselho Editorial

Andréa Luisa Zhouri Laschefschi - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Alejandro Frigerio - Universidad Católica Argentina / CONICET

Christen Anne Smith - University of Texas at Austin (UT Austin)

Daniel Granada - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Gabriel Maria Sala - Università Degli Studi di Verona

Joana Bahia - Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UFRJ)

Laura Selene Mateos Cortez - Universidad Veracruzana - Xalapa – México (UV)

Leila Sollberger Jeolás - Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Lorenzo Macagno - Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Luis Roberto Cardoso de Oliveira - Universidade de Brasília (UNB)

Rosa Elisabeth Acevedo Marin - Universidade Federal do Pará (UFPA)

Editores Chefes

Carmen Lúcia Silva Lima

Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

Revisão

Os autores

Capa

Autor: Bernardo C. Freire

Título: “Umbuzeiro do começo do mundo”

Diagramação

Antonio Andreson de Oliveira Silva

EntreRios – Revista do PPGANT -UFPI

Vol. 2 • n.1 • Temática: Antropologia e Política:
alianças, conflitos e regimes de conhecimento

Sumário

APRESENTAÇÃO

Antropologia e Política: alianças, conflitos e regimes de conhecimento

Carlos Filadelfo / Natacha Simei Leal	5
---	---

ARTIGOS

Em nossas próprias armadilhas: “artefatos” antropológicos em contexto

Diógenes Cariaga	10
------------------------	----

O GPS perde pra mim longe! Cartopráticas e políticas caiçaras em navegação no mar de dentro

Karina da Silva Coelho	24
------------------------------	----

É só pra pessoas LGBTs isso daqui?: a produção de espaços visíveis e abertos como formas de fazer política pela Casa 1

Jesser R de Oliveira Ramos	41
----------------------------------	----

Festa da noiva? Conflito, gênero e parentesco numa etnografia sobre a organização de casamentos

Michele Escoura	56
-----------------------	----

ENTREVISTA

Das confluências, cosmologias e contra-colonizações. Uma conversa com Nego Bispo.

Greice Martins / Henrique Junior Felipe / Natacha Simei Leal / Suz Evany Lima da Silva	73
--	----

RESENHA

Comerford, J; Bezerra, M. O; Palmeira, M. Questões e dimensões da política: anais do Encontro dos 20 anos do Núcleo de Antropologia da Política (NuAP). Rio de Janeiro (RJ): Papéis Selvagens, 2017. p. 448.

Wanderson Carlos Lima da Silva / Celso de Brito	85
---	----

APRESENTAÇÃO

Antropologia e Política: alianças, conflitos e regimes de conhecimento

Carlos Filadelfo

Doutor em Antropologia Social

*Professor Adjunto do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em
Antropologia da Universidade Federal do Piauí*

crfiladelfo@gmail.com

Natacha Simei Leal

Doutora em Antropologia Social

*Professora Adjunta do Colegiado de Antropologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco,
Campus Serra da Capivara
natacha.leal@univasf.edu.br*

Nos estudos clássicos da chamada Antropologia Política, estabelecida como sub-área a partir do Estrutural-Funcionalismo Britânico, um eixo analítico fundamental era a articulação entre ordem social e conflito. Se no início havia um esforço de se compreender os mecanismos de coesão social de sociedades não ocidentais, gradativamente as análises se ampliaram para dar conta de processos de transformação estrutural, de conflitos sociais, ou seja, um caráter eminentemente relacional, processual e conflitivo do mundo da política, tal como propuseram Edmund Leach (1996 [1954]) e Max Gluckman (2010 [1958], 2011 [1954]).

A partir de tais perspectivas, muitas pesquisas passaram a considerar estruturas e relações de poder nas suas mais variadas acepções e configurações empíricas e etnográficas a partir de uma ordem social a ser preservada e o conflito como sua ruptura, a ser evitado. Nesse sentido, o conjunto de escritos deste dossiê traz uma série de perspectivas contemporâneas sobre questões em torno das (nem sempre fáceis) relações entre Antropologia e Política, mas, como não poderia deixar de ser, centradas em conflitos de diversas ordens como força motriz das realidades analisadas e problematizadas.

Com efeito, os dois primeiros artigos, de Diógenes Cariaga e Karina Coelho perscrutam, ao mesmo tempo e por caminhos e contextos distintos, duas questões muito caras à Antropologia Política – conflitos e Estado –, atualizando-as a partir de outras questões decisivas à antropologia contemporânea: tecnologias e o encontro de distintos regimes de conhecimento (CARNEIRO DA CUNHA, 2009; LATOUR, 2009; STRATHERN, 2014). Os autores não analisam apenas conflitos sociais, mas primordialmente as controvérsias entre as confluências e distensões entre saberes, conhecimentos e artefatos científicos que opõem e articulam razões de Estado a lógicas a ele distintas. Não se trata aqui mais de um relativismo cultural ou epistemológico de se partir de uma equivalência comparativa entre essas diferenças e alteridades, mas perceber que há uma assimetria de poder nessas oposições, central para a própria construção contínua do Estado a partir de um jogo relacional e conflitivo de um lado e, de outro, de produção de sentidos pelo próprio Estado.

Assim, no primeiro artigo, intitulado “Em nossas próprias armadilhas: ‘artefatos’ antropológicos em contexto”, a partir de sua própria experiência na elaboração de laudos e perícias etno-históricos e antropológicos no Mato Grosso do Sul, de populações guarani e kaiowá, Diógenes Cariaga pretende analisar “como os regimes de conhecimento e as técnicas de produção da Antropologia são objetificados em cenários de disputa judicial”. Atualiza, desta feita, a pergunta colocada por Vidal (1994) - “Há uma antropologia nos laudos antropológicos?” - ao discutir ao longo do artigo como o saber antropológico é homogeneizado, simplificado e capturado por uma linguagem estatal e do Direito que busca compreender essas populações por meio apenas de uma perspectiva técnica e objetiva, excluindo não só o “aspecto reflexivo e crítico dos interlocutores”, como também todo o idioma relacional e o acúmulo de discussões e tensões epistemológicas constituidoras da Antropologia. Uma das perguntas que move o artigo é justamente: “Ou seja, se em nossas perspectivas antropológicas descrevemos contextos em que o idioma relacional prevalece ao institucional, como elaborar um tipo de texto antropológico para um fim institucional?”.

Por um lado, o autor busca problematizar diferentes e conflitivas perspectivas sobre o fazer antropológico agenciadas nos processos de produção desses documentos a partir de autores como Annelise Riles (2006), Alfred Gell (2005), Isabelle Stengers (2014), Roy Wagner (2010) e Marilyn Strathern (2014). Por outro lado, traz para primeiro plano as dimensões relacionais, políticas e cosmopolíticas invisibilizadas na apreensão estatal da Antropologia como um saber técnico-científico em relação ao tratamento legal-institucional reservado às populações indígenas no Brasil.

Já o artigo “O GPS perde pra mim longe! Cartopráticas e políticas caiçaras em navegação no mar de dentro”, de Karina da Silva Coelho, também alude a conflitos contra saberes estatais, mas com uma maior ênfase nos conhecimentos e práticas cartográficos de caiçaras e pescadores artesanais que habitam e vivem na região do Lagamar, entre os litorais paulista e paranaense.

A partir de um rico trabalho de campo e de uma perspectiva decididamente política e inventiva, a autora realiza uma análise etnográfica de como as “cartopráticas” desses pescadores correspondem a saberes e práticas tradicionais de mapeamento e localização dos ambientes de pesca e de suas vidas capazes de captar um território em constante movimento, em fluxo. Essas práticas entrariam em conflito direto com as cartografias convencionais, com uso de equipamentos de GPS, que realizam um mapeamento a partir de pontos fixos, produzindo um território estanque, que, por sua vez, orienta as ações e legislações ambientais dos poderes públicos. A região pesquisada é composta por diversas unidades de conservação, produzindo territórios dissociados dos territórios tradicionais e com uma série de interdições a práticas desses pescadores. Em tal cenário, a continuidade das cartopráticas seriam dispositivos de resistência, realçando o caráter conflituoso e contraditório da política ambiental brasileira.

Os dois artigos acima partem, portanto, de perspectivas de conflitos e de encontros entre distintos regimes de conhecimento que colocam o próprio Estado em relevo. De um lado, saberes antropológicos ou cartopráticos tradicionais, de outro o Estado e o Direito, com seu aparato jurídico-legal ou um pretenso rigor técnico-científico. Mas não se trata de uma polarização simplista, um antagonismo irreconciliável. Se poderíamos voltar a concepções estáveis e estabelecidas sobre o Estado como campo da universalidade, da verdade, do positivismo e da fixidez, enquanto os outros polos seriam do movimento e da flexibilidade, estariíamos traindo a complexidade das análises realizadas pelos autores. Ao contrário, há um jogo de relações de poder em que esses polos vão sendo mutuamente e a todo tempo construídos e problematizados, alternando momentos de flexibilidade e endurecimento, de constância e de variações contínuas (DELEUZE & GUATTARI, 1995, 1996).

Se o Estado e suas conexões com conflitos de saberes é uma das questões que emergem dos dois primeiros artigos, os dois seguintes lidam com uma tensão também clássica da Antropologia política: alianças versus conflitos.

O terceiro artigo de nosso especial - “É só pra pessoas LGBTs isso daqui?”: a produção de espaços visíveis e abertos como formas de fazer política pela Casa 1 – apresenta uma etnografia sobre a Casa 1, casa de acolhimento na cidade de São Paulo de pessoas LGBTQI+ em situação de alta vulnerabilidade e expulsão de suas famílias originárias.

A Casa 1 conta com um centro cultural em cujos espaços são promovidas atividades e atendimentos para um público variado, incluindo pessoas em situação de rua e da vizinhança, tais práticas corresponderiam a uma política declarada de “visibilidade e abertura”, conectando pessoas e ações dentro e fora da Casa 1. Com isso, o autor, Jesser Ramos, defende que a espacialidade da Casa 1 não é construída apenas a partir de seus limites físicos, pois há um esforço contínuo de promoção de alianças para que haja um “agir plural e heterogêneo”. Essas alianças são importantes e necessárias para que se evitem conflitos, a população da Casa 1 não seja discriminada e segregada, que suas pautas sejam ampliadas e que se consiga apoios dos mais diversos (privados e públicos).

Recorrendo às propostas teórico-metodológicas do NuAP (Núcleo de Antropologia da Política, sobre o qual falaremos adiante), o artigo parte da importância de uma ênfase etnográfica sobre processos entendidos ou nomeados como políticos, pensando suas dimensões contextuais, cotidianas, práticas e relacionais concretamente.

Tal perspectiva, assim como de muitos dos integrantes do NuAP, também orienta nosso quarto artigo, intitulado “Festa da noiva? Conflito, gênero e parentesco numa etnografia sobre a organização de casamentos”. Michele Escoura nos traz uma originalidade para se pensar a articulação analítica entre alianças e conflitos a partir de um contexto empírico original: as festas de casamento.

Ainda que casamentos sejam um tema fundante da Antropologia, a originalidade da abordagem de Escoura reside no fato de deslocar a centralidade da aliança nos estudos de parentesco. Ao descrever etnograficamente a organização dessas celebrações, analisando minuciosamente as escolhas de seus interlocutores e interlocutoras de pesquisa que passam pelos vestidos das noivas até a lista de convidados, a autora destaca todo o processo da festa como uma temporalidade marcada por conflitos. Mas não são conflitos mais submetidos a uma ordem social, mas estabelecidos como produtores e produtos de relações, de gênero, de valores morais e de mercado e, sobretudo, de famílias, tão bem analisadas por Michele Escoura com ajuda de autores e autoras do “novo parentesco” como Carsten (2000), Collier & Yanagisako (1987), Fonseca (2003), Schneider (1984) e Strathern (1992). A autora, assim, se inspira no pressuposto da precedência analítica do conflito em relação à ordem social de forma a realizar uma etnografia que não parte de pressupostos apriorísticos, mas que analise esses processos na sua complexidade e processualmente (MARQUES, 2007).

Em seguida, apresentamos com um enorme prazer a entrevista com Nego Bispo, produzida a oito mãos por Greice Martins, Henrique Junio Felipe, Natacha Simei Leal e Suz Evany Lima da Silva. O entrevistado tem causado um positivo impacto no campo da Antropologia brasileira ao lhe contestar e problematizar política e epistemologicamente.

A partir de sua experiência como liderança quilombola no Piauí, Nego Bispo produziu uma sofisticada crítica em seu livro – “Colonização, quilombos: modos e significações” (2015) – sobre o passado e presente colonialista da Antropologia principalmente em relação aos grupos minoritários dos quais se ocupa. A entrevista, realizada no Quilombo Saco-Curtume, em São João do Piauí, traz belíssimas reflexões sobre esses conflitos entre saberes em prol de propostas capazes de reverter as desigualdades produzidas e reproduzidas por saberes ocidentais e colonialistas. No lugar de conhecimentos colonialistas e fragmentários (que fundamentaram a Antropologia e outras ciências ocidentais), Nego Bispo propõe saberes cosmológicos, contra-colonialistas, das confluências e biointerações.

Todos os artigos aqui presentes demonstram como temas clássicos da Antropologia Política podem ser reatualizados partindo de uma ênfase etnográfica e relacional, a exemplo da proposta pelo Núcleo de Antropologia da Política (NuAP), cujo último livro originou a resenha deste dossiê, escrita por Wanderson Silva e Celso de Brito. O NuAP se originou em 1997 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ) com articulação com outros pesquisadores e instituições como a UFC e a UnB. Passados 20 anos da sua criação, o NuAP se constitui como uma ampla rede com alguns eixos teórico-metodológicos em comum, mas com uma acentuada diversidade empírica e temática. Foi justamente para celebrar seu aniversário que foi organizada essa coletânea de muitos de seus pesquisadores em 2017, cuja resenha vem em boa hora. O livro pode contribuir enormemente para cursos de graduação e pós-graduação de diferentes eixos e propostas.

Finalizamos esta apresentação com o desejo de que este dossiê da EntreRios, com sua diversidade etnográfica e analítica, possa trazer contribuições decisivas e, sobretudo, inventivas para a Antropologia. Convidamos vocês, leitoras e leitores, a apreciarem nossa Revista com o mesmo prazer que tivemos ao organizá-la.

Boa leitura!

Referências bibliográficas

- CARNEIRO DA CUNHA, M. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: CosacNaify, 2009.
- CARSTEN, Janet. *Cultures of relatedness. New approaches to the study of kinship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- COLLIER, Jane; YANAGISAKO, Sylvia. *Gender and kinship. Essays toward a unified analysis*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. "Postulados da Linguistica". In: Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia Vol 3. São Paulo: Editora 34, 1995.
- _____. "Platô 9: 1933 - Micropolítica e Segmentaridade". In: Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia Vol 3. São Paulo: Editora 34, 1996.
- FONSECA, Claudia. De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a "transpolinização" entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. In: Ilha, v.5, n.2, pp. 05-31, 2003.
- GELL, Alfred. "A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia". Concinnitas. Ano 6, Vol. 1, Nº 08, Julho, 2005.
- GLUCKMAN, Max. "Análise de uma situação social na Zululândia moderna". In: Bela Feldman-Bianco (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas - métodos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010 [1958].
- _____. "Rituais de rebelião no sudeste da África". *Série Tradução*. Brasília-DF: Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, 2011 [1954].

- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. 4^a ed. São Paulo: Editora Moderna, 2009.
- LEACH, Edmund. *Sistemas políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: EdUSP, 1996 [1954].
- MARQUES, Ana Claudia (org). *Conflitos, Política e Relações Pessoais*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará- Funcap- CNPq/ Campinas: Pontes Editores, 2007.
- RILES, Annelise. "Introduction: In response". *Documents: Artifacts of Modern Knowledge*. In: RILES, Annelise (ed.). Michigan, Ann Arbor: The University Press of Michigan, 2006.
- SANTOS, Antonio Bispo do. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: INCTT, UnB, CNPq, MCTI: 2015.
- SCHNEIDER, David. *A critique of the study of kinship*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1984.
- STENGERS, Isabelle. La propuesta cosmopolítica. *Revista Pléyades*, n. 14, 2014.
- STRATHERN, Marilyn. *After Nature: English kinship in the late twentieth century*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- _____. "Cortando a rede". In: *O efeito etnográfico*. São Paulo: Cosac & Naify, 2014
- VIDAL, Lux B. "Há Antropologia nos Laudos Antropológicos?". In: SILVA, Orlando S.; LUZ, Lídia; HELM, Maria V. *A perícia antropológica em laudos judiciais*. Florianópolis: Editora UFSC, 1994.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.